

NA MINHA CASA SOMOS SETE*

Na minha **casa** somos sete: o pai, a mãe, o meu mano Xavier, a Minucha, o Camaleão, a avó Geraldina e eu. Quer dizer, somos cinco pessoas, mais a cadela Minucha e o camaleão que só lhes falta falar para serem gente!

Moramos os sete na rua da Escola Industrial e a nossa casa fica mesmo ali a meio. É uma rua estreita e sossegada, menos de manhã, quando as mulheres começam a apregoar a *condelipa* de porta em porta.

Na minha **rua** mora o mundo inteiro: a D. Florípedes que é a única cabeleireira careca que eu conheço, a Ti Bia que tem um quintal com um poço e uma grande ameixeira que dá umas ameixas amarelas e gordas, a D. Margarida que tem a casa mais bonita do mundo e um quintal com uma macaca.

Na minha Casa somos _____

* Adaptado do livro **Na minha casa somos sete**, de Cristina Taquelim, com ilustrações de Catarina Fernandes (2009, Pé de página Editores)

1.

O meu pai é um homem sério. Toda a gente diz isso e eu não entendo porquê. Está sempre bem disposto, a contar piadas e a rir com os amigos que vão lá casa. Só o vejo sério quando eu mexo na aparelhagem. Gosta muito de música o meu pai. Tem a aparelhagem toda tapada com um paninho. Os discos todos muito arrumados. Tira um disco, limpa o redondel preto com muito cuidado, põe o disco a tocar e eu fico sentada no sofá a escutar e a abanar os pés.

Também fica sério quando eu mexo nas canetas que tem, muito ordenadas, em cima da secretária: a preta é a que usa mais; depois a azul, só para cas assinaturas, a verde para os sublinhados e a vermelha para as ocasiões mais especiais.

É o primeiro a levantar-se, faz a barba muito pequitinha e demora mais tempo a tomar banho do que eu demoro a comer o prato da sopa. Depois, põe o perfume do frasco branco, aquele que tem um barco desenhado no vidro e dá palmadinhas na cara para a refrescar.

O meu pai gosta de ter a casa cheia, de sentar-se com a família e os amigos à volta da mesa da sala a petiscar. De vez em quando chama pela minha mão que está na cozinha:

- Ó Mãe! Então, não se arranja mais pão para esta gente? – Não percebo porque é que ele também lhe chama mãe. A mãe é minha, não é dele! Umaz vezes põe toda a gente a rir, outras vezes ficamos a olhar para ele em silêncio.

O meu pai

2.

A minha mãe é bestial. Leva-me à esplanada e deixa-me pedalar nos carrinhos. Quando está na hora de dormir conta-me histórias dos reis e das coisas que eu fazia quando era pequenina. Às vezes chora. Gosta de fazer croché, tricô.

O que vê com os olhos faz com as mãos e sabe fazer pastéis de batata-doce como ninguém. Põe um montinho de farinha na bancada. Junta água a ferver e depois, com mãos leves como bailarinas, vai dançando com a farinha e com o rolo da massa. Faz umas folhas de massa tão finas que parecem papel de seda.

Fala dos meninos da escola com os olhos muito abertos e um sorriso feliz.

Trata-me como se eu fosse crescida e nunca fica zangada por muito tempo. Quando eu cortei o vestido da avó para fazer uma minissaia, ela até se riu. Nem me deu com o chinelo nem nada!

Senta-se com o pai à volta da mesa da cozinha e ficam conversando baixinho e fazendo contas. Não sei se de somar, se de subtrair. Depois abraça o pai e segreda-lhe ao ouvido:

- Vai correr bem, tudo se resolve!

A Minha mãe

3.

O meu irmão Xavier é um chato, mas eu não posso passar sem ele. Leva-me à escola, defende-me nas brigas e dá-me rebufados sem ninguém ver. Gosta de andar de bicicleta e já vai à praia sozinho com os amigos. Às vezes ajuda o pai nas obras lá em casa.

Não tem jeito para a escola, diz o pai, mas sabe tratar e falar com os bichos e com as pessoas como ninguém, diz a avó Geraldina. Quando encontrou a Minucha!? Vinha ele para casa e viu a bichinha caída. Levou-a para a varanda e apesar de toda a gente dizer que ela ia morrer, tratou-a durante uma semana. Até dormia ao pé dela. Não descansou enquanto não a conseguiu curar. E daquela vez que ele encontrou o camaleão nas dunas da Meia-Praia? Estava o bicho mais morto que vivo. Tratou dele tão em, que ele agora muda de cores que é um encanto, até parece um semáforo.

Quando a menina Maria Bárbara tem aqueles ataques em que grita e vem para a rua em camisa de dormir, o Xavier é o único que a consegue acalmar. Aproxima-se dela sorrindo, põe-lhe um xailinho sobre os ombros e, devagarinho, pega-lhe na mão e leva-a de volta para casa.

O meu irmão

4.

A avó Geraldina é a pessoa que está mais tempo comigo. Todos os dias, subo com ela à varanda e brincamos às manas Bravo. As manas Bravo são aquelas velhotas que moram no fim da rua e onde eu vou buscar claras de ovos para a minha mãe fazer os suspiros. Levo um frasco grande, uma moeda, e trago sempre troco.

Brincar às manas Bravo quer dizer que brinco com a espuma do tanque. Faz de conta que são claras em castelo. Na varanda, há um tanque grande onde a minha avó lava a roupa, e outro da minha altura onde eu ajudo. A avó põe-me um avental e deixa-me brincar com a espuma. Ensinou-me a fazer uma balança com uma caixa de graxa, um pauzinho de gelado e dois cordéis. Ponho-me a bater com a mão na água, a espuma começa a crescer, a crescer, e eu vou tirando com a mão para a pesar. É muito leve a espuma do tanque da avó Geraldina, leve, como a massa dos suspiros, mas sem o açúcar.

A avó Geraldina todos os dias tem mais uma ruga. Eu não noto, mas ela sabe exatamente qual foi a última que lhe nasceu. Gosta de pregar partidas e diz coisas que só eu entendo, coisas que me deixam a pensar durante muito tempo.

A avó sabe curar tudo. Quando eu tenho aqueles altos na língua, os sapos, manda-me esfregar a língua na parede do quintal. Se me doi a barriga, faz-me um chá de Erva Príncipe e Bela Luísa, esfrega-me a barriga com azeite morno e já está. «Fico como nova. Trata os treçolhos, aquelas borbulhas que aparecem nos olhos, ali, onde nascem as pestanas, com uma

A avó / O Avô / Os Avós

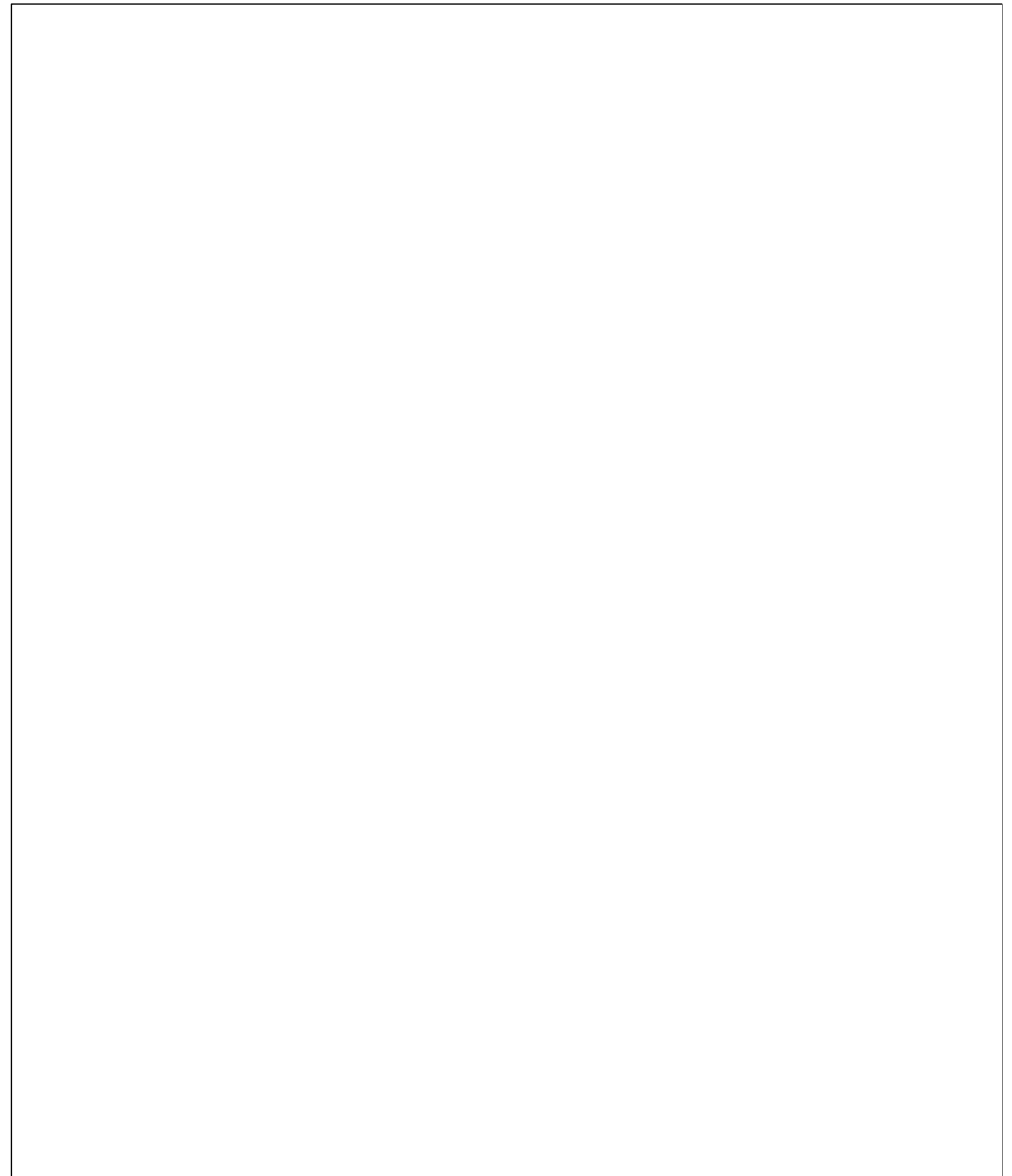
pinguinha de chichi. E até sabe fazer crescer o cabelo. Inventou uma mistura de ervas e vinagre que e tiro e queda, nunca falha.

A avó Geraldina gosta de se pôr à janela:

- As estrelas de figo são o maior segredo que uma avó pode ensinar a uma neta. Quem sabe fazer estrela, vive com os olhos sempre postos no céu!

Diz coisas bonitas, a avó! E, enquanto ela vai fazendo as estrelas, eu fico com a cabeça entre as grades da varanda, a fazer-lhe companhia e a ver os meninos a brincar na rua.

A avó Geraldina tem segredos guardados na arca do quarto. Eu acho estranho ela ter tesouros, porque daquela vez, quando lhe perguntei se éramos pobres ou ricos, ela disse que eramos remediados, e os remediados, acho eu, não são nem pobres, nem ricos. Ser remediado é ter o que a gente tem: um irmão, uma cadela, um camaleão. É ter uma casa para morar, trabalho para o pai e para a mãe, poder lanchar na pastelaria de vez em quando. É ter bolos e beber sumos de pozinhos nos dias de festa, e, nos outros, beber água. Ora se é assim, como pode a avó ter tesouros? Tesouros mesmo de verdade?



5.

A minha mana, que nasceu há dias, é muito pequenina, mas quando chora ouve-se no mundo inteiro. Dorme numa cama pequenina e eu fico a vê-la por entre as grades e conto-lhe a história da casa do fim da ladeira e ficamos a esconder-nos uma da outra. Quando ela tem dores e começa a dar puns e a bocejar, eu vou buscar o pires do azeite e, como não sei a reza, digo: - Sai quebranto, desta menina!

Ponho-lhe a mão em concha sobre a barriga e ela fica calma e adormece!

Acorda sempre muito rabugenta. Então, a mãe, deixa-me pegar nela e, enquanto organiza as coisas, eu sento-me no sofá da sala, ponho-a ao colo embrulhada num xailinho e vou-lhe contando coisas do arco-da-velha. Conto-lhe o segredo da dança das estrelas, como as sementes chegam a fruto, como as meninas se fazem mulheres, explico-lhes o que é a saudade e quando ela chora faço como a mãe e digo-lhe:

- Não chores, vai tudo correr bem! – E ela fica espantada, calada a olhar para mim, amansada pelas histórias que moram naquele silêncio.

A minha irmã

Na minha casa somos sete: o pai, a mãe, o meu irmão Xavier, a o Camaleão, a Besnica e eu. Quero dizer, somos cinco pessoas mais a cadela Minucha e o Camaleão, que só lhes falta falar para serem gente.

Somos uma família do arco-da-velha.

Na minha casa somos _____

Somos uma família _____